

Prof. Frederico Tuolla

Prof. José Francisco Vinci de Moraes

Profa. Cristina Helena

Prof. Raphael Videira

**CARTEIRA DE TRABALHO
E
EVIDÊNCIA SOCIAL**



**REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO**

**PARA ONDE VAI O EMPREGO
NO BRASIL?**

EXPEDIENTE

Corpo Editorial

J. Roberto Whitaker Penteado
Presidente

Alexandre Gracioso
Vice-presidente acadêmico

Elisabeth Dau Corrêa
Vice-presidente administrativo-financeira

Emmanuel Publio Dias
Vice-presidente corporativo

José Francisco Queiroz
Vice-presidente de marketing e comunicação

Luiz Fernando Dabul Garcia
Diretor geral da graduação ESPM-SP

Ismael Rocha
Diretor acadêmico de graduação ESPM-SP

Conselho Editorial

Prof. Carlos Frederico Lucio

Profa. Cristina Helena Pinto de Mello

Profa. Denise Fabretti

Prof. Fabio Mariano Borges

Prof. Ismael Rocha

Prof. João Osvaldo Schiavon Matta

Prof. Luiz Fernando Dabul Garcia

Prof. Pedro Luiz Ribeiro de Santi

Prof. Leonardo Nelmi Trevisan
(Edição de texto)

Prof. Matheus Matsuda Marangoni
(Edição de arte)

Fernando Matijewitsch
(Gerência de edição)

APRESENTAÇÃO

Publicação trimestral, em formato eletrônico, o Discussion Paper ESPM reúne artigos, notícias de pesquisas, resenhas, traduções ou entrevistas oriundas de debate temático.

O objetivo é incentivar a discussão de assuntos, atinentes ou complementares, ao conteúdo curricular de disciplinas da área de Ciências Sociais Aplicadas.

O perfil deste periódico oferece espaço de publicação da produção docente, incluindo procedimentos de pesquisa, em diferentes formatos.

O Discussion Paper ESPM busca também ampliar repertório e capacidade de análise do corpo discente, pois, a iniciativa procura, especialmente, a participação do aluno nos debates geradores de cada número.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

A submissão de trabalhos deverá ser feita através do endereço eletrônico do periódico, nos seguintes formatos: texto: Microsoft Word; tabelas: Excel; gráficos e figuras: Powerpoint. Quanto a forma, os originais deverão ser apresentados em arquivo de texto: Microsoft Word, página tamanho A4, margem esquerda e superior de 3cm, direita e inferior de 2cm, espaço 1,5, fonte Times New Roman, com limite de 06 páginas. O Discussion Paper ESPM adota como critério orientador para elaboração das referências bibliográficas dos papers a norma NBR-6023:2002 - Informação e documentação.

O Processo de Avaliação pelos Pares consiste nas seguintes etapas: o artigo original será analisado por dois integrantes do Conselho Editorial para verificar se cumpre com os requisitos temáticos e metodológicos e definir a área epistemológica de avaliação a ser direcionada. Em seguida, o artigo será enviado a pares de avaliadores externos, preservando o anonimato dos autores (blind review), que não compareceram ao debate gerador do respectivo Discussion Paper. Os avaliadores externos procederão de acordo com os critérios: 1. Publicar sem alterações; 2. Publicar com pequenas alterações, efetuadas pelos avaliadores; 3. Retornar ao autor com orientações de correções a serem efetuadas, podendo ser publicado posteriormente; 4. Retornar ao autor com a reprovação do artigo, sem publicação posterior. Os resultados desta avaliação serão encaminhados aos autores através do endereço eletrônico informado no ato da submissão, preservadas estritamente a confidencialidade e privacidade deste resultado.

SUMÁRIO

Apresentação do debate.....	4
As melhores dicas de emprego zumbi: onde não amarrar seu burro.....	5
<i>Frederico A. Turolla</i>	
Por que o emprego industrial sumiu?.....	9
<i>José Francisco Vinci de Moraes</i>	
Em que setor da economia devo apostar minhas fichas?.....	12
<i>Cristina Helena P. de Mello</i>	
Agronegócio ou petróleo? Tem outro que interessa?.....	15
<i>Raphael Videira</i>	

Para onde vai o emprego no Brasil?

Este é o resumo das apresentações feitas durante o debate sobre as mudanças no contexto econômico, externo e interno e seus reflexos no ingresso no mercado de trabalho dos alunos da ESPM. O debate, realizado em 23 de maio de 2013, não estava dirigido a nenhum grupo específico. Essencialmente, a proposta nasceu da leitura do livro *O Futuro da Indústria no Brasil - Desindustrialização em debate*, organizado por Edmar Bacha e Monica B. de Bolle, dois economistas professores da Universidade Federal do Rio de Janeiro, publicado em março de 2013.

A provocação central do debate era simples: o que acontecerá com o emprego de todos se o Brasil for efetivamente obrigado a reorientar sua política industrial do protecionismo para a integração? Em outras palavras, se a economia brasileira for obrigada, como parece que já é, a participar de cadeias produtivas globais. Ou seja, não existe mais o “made in Brasil” 100%... partes, de qualquer coisa, são feitas em território nacional, outras não... E não só porque são mais baratas... tem muito a ver com qualidade da mão de obra, produtividade, tecnologia, competitividade.

Esse quadro, de inserção na economia global, não atingiu só a indústria. Toda e qualquer setor de atividade no Brasil, inclusive educação, sofrerá pressões dessa internacionalização. Será, apenas, inevitável....

O Nota Alta chamou quatro professores da escola para discutir “Para onde vai o emprego no Brasil?”. As linhas de interpretação da realidade desses docentes, todos economistas, são distintas, como é conveniente para um bom debate. O Frederico Turolla e o José Francisco Vinci de Moraes discutiram porque o emprego industrial sumiu no Brasil nos últimos tempos. Cada um do seu jeito...

A Cristina Helena P. de Mello e o Raphael Videira discutiram em que setor da economia devemos todos “apostar nossas fichas”, se os ventos da economia mudaram. A moderação do encontro ficou com o professor Ismael Rocha Jr.

A proposta deste Discussion Paper Nº 1 é preservar este debate, tanto no formato texto como eletrônico. A ideia é provocar a partir dele mais debate... Não há nenhuma palavra final, nem certeza nesta história. Cada professor, cada leitor, irá aproveitá-lo do seu jeito...

Boa leitura!

As melhores dicas de emprego zumbi: onde não amarrar seu burro



Frederico A. Turolla

O primeiro ponto que vou expor é sobre: como chegamos até aqui? Em primeiro lugar, vejamos o que aconteceu no Brasil. A estratégia de substituição de importações levou a uma economia fechada, ineficiente e improdutiva, que deixou uma herança maldita de gigantescos passivos macroeconômicos para a geração atual. Uma carga tributária quase nórdica, que asfixia a competitividade da produção de qualquer coisa por aqui e é mãe de uma burocracia infernal; uma baita hiperinflação, que pouca gente percebeu o quanto custou caro para resolver; uma distribuição de renda meio África Subsaariana, que só começou a melhorar depois da estabilização e com alguma melhora da educação há duas décadas; e uma dívida pública superior à média dos países emergentes. Não é à toa que ainda hoje temos uma taxa de juros campeã do mundo e que é tão caro morar e fazer negócios em qualquer cidade deste país. Hoje pagamos caro pelo que fizemos.

A reversão dessa estratégia coincidiu com os anos 90. O governo Collor, peço perdão por declarar meu juízo de valor pessoal, que considero que foi um presidente sem noção, mas que teve um papel significativo na história, justamente o de reverter a estratégia anterior. Assim, num lance típico da dialética da história, foi justamente um presidente assim que teve um papel fundamental no início da transformação desta economia em algo melhor. E não foi só ele. Felizmente, o cara do “minha gente” foi sucedido por outros kamikazes políticos, daqueles que não tiveram medo de continuar praticando as maldades necessárias nos anos seguintes. Se Itamar e FHC fossem populistas como o Sarney ou como os últimos generais, hoje estaríamos bem lascados.

É fácil localizar o período entre 1990 e 1998 como o centro da grande transformação dessa economia, que trouxe o brilho de estrela dos anos 2000. Primeiro, a administração Collor, do jeito que foi, iniciou a abertura da economia e alguma modernização. O Plano Real foi o marco da administração do meu conterrâneo Itamar Franco, além de uma moderna legislação de concorrência. Depois, o FHC.



O primeiro governo Fernando Henrique foi marcado por alguns feitos: um foi a consolidação da estabilidade, sob uma dura âncora cambial, uma quimioterapia anti-inflacionária, que foi prato cheio para a oposição da época. Mas seus maiores feitos estão possivelmente na maior modernização institucional que se viu no país, só superado pela administração Castello Branco. Marcos regulatórios setoriais para a infraestrutura, uma reforma no sistema financeiro que hoje é aclamada como o que faltou nos Estados Unidos, mecanismos institucionais anticorrupção, que no Brasil não se gosta muito, pois mata umas boquinhas e o que agrada aqui é o prende-mata-arrebenta; uma consolidação fiscal de grandes proporções; reformas no setor público; e muito mais.

Depois das maldades, em 1999, no segundo FHC, foi estabelecido o famoso tripé de regimes macroeconômicos que só agora resolveram desmontar e que já estão fazendo falta para turbinar o pibinho. Finalmente, um fato auspicioso: a eleição do Presidente Lula. No passado, o grande risco de fazer negócios no Brasil era a possibilidade de uma vitória da esquerda, para “mudar tudo isso que está aí” e a imprensa comprava bonitinho esse discurso charmoso. Mas antes mesmo de Lula chegar ao poder, se converteu à ortodoxia neoliberal, após a Carta aos Banqueiros, digo, Carta ao Povo Brasileiro, afastando os principais riscos que travavam o investimento de longo prazo, produtivo e financeiro.

O resultado não poderia ser outro: poucos anos depois, a decolagem do Cristo Redentor na famosa capa da The Economist. E a conquista do grau de investimento, refletindo um mercado de capitais que, sem as antigas ameaças de Lula e da massa de manobra que ele manjava, agora tinha uma avenida para crescer. Tudo isso em um ambiente internacional fabuloso. Todos aqui na sala, que são todos mais jovens que eu, sentiram o gostinho da chamada Era de Ouro dos emergentes, um momento único em suas vidas, um raro período de prosperidade mundial. Entramos nessa era muito bem, com as reformas do período anterior, e pudemos aproveitar o melhor dela, nos destacando ainda mais que os destacados emergentes.

Obviamente, era um brilho de estrela, que tinha acontecido há anos-luz no passado, digamos nos anos noventa e na primeira metade dos anos 2000. Depois disso, vem outro modelo, por falta de nome melhor prefiro batizar de modelo Mantega, que foi sendo construído paulatinamente e hoje já prenuncia os seus problemas. É o que gosto de chamar de novo setentismo, em referência ao período pós-milagre que antecipou a década perdida.

Tem uma tendência global que é muito importante. O que pode vir da China? Principalmente: um iuane mais forte e ritmo de crescimento mais fraco. O iuane ainda está artificialmente depreciado, o que fez o produto chinês inundar o mundo, alimentando o déficit externo americano e desbancando produtores de toda parte.

O iuane mais forte, que é uma tendência e, para alguns, quase um vaticínio, mudará a geografia econômica global e deverá alterar quase todas as cadeias produtivas em todo o planeta. Deverá pressionar a inflação global, pressionando inclusive a taxa de juros, forçando um aperto da política monetária em várias partes do mundo. O efeito líquido negativo sobre as commodities deverá ser negativo, o que não é favorável para outros países em desenvolvimento, como o Brasil, que experimentaram um período de bonança à custa da estratégia chinesa. Para a China, a principal consequência virá na forma de mais consumo interno e menos exportação. Porém, essa mudança no câmbio chinês seria uma bênção para empresas instaladas no resto do mundo.

Tudo isso deverá mudar, também, o papel do Brasil. Se ainda hoje somos um grande exportador de commodities para a China, devido ao iuane ainda fraco, deveremos mudar novamente o perfil



da nossa pauta de comércio. Vamos fornecer menos commodities, e possivelmente sua pauta pra fornecer para China. A China finalmente passa a um modelo baseado no consumo, abandonando o modelo baseado em produção que mantinha a população pobre em prol da acumulação – é hora da festa por lá.

Notem que esse movimento de iuane fraco que desindustrializou o Brasil, desindustrializou também a economia norte-americana. Hoje, a discussão desse movimento nos Estados Unidos não é mais uma discussão de desindustrialização que está acontecendo aqui, mas uma discussão de reshoring pra indústria americana, ou seja, de reindustrialização, na medida em que o iuane já vem se revalorizando.

Lembra daquela campanha presidencial americana? Quando descobriram, no interior de um estado distante americano, um brinquedo fabricado nos EUA! Coisa raríssima... não foi um belo achado? Piadas à parte, isso hoje volta a ser realidade. A indústria está se relocando em direção aos EUA, em função principalmente dessa mudança chinesa. Tem outros fatores, até o gás de xisto, mas eu simplifiquei bastante, enfatizando o papel da estratégia chinesa e, especialmente, o papel da taxa de câmbio do iuane contra o dólar. Essa é uma mudança importante para o futuro, já que tem grandes proporções.

Bom, sumariando tudo isso, para fechar a apresentação, temos duas grandes mudanças no horizonte. Uma: no Brasil, está voltando o modelo de substituição de importações com todas as ineficiências, com todas as fraquezas e debilidades que isso traz para o ambiente brasileiro.

Outra: temos também uma mudança na China, que tende a reindustrializar o Brasil. O discurso da desindustrialização, que hoje é bandeira da FIESP, por exemplo, tende a perder força e daqui a alguns anos pode trazer de novo empregos no setor industrial, prejudicando o setor primário exportador das commodities que fizeram nossa felicidade desde a década passada. Isso não significa crescer mais, mas sim que o setor industrial deixa de perder participação na composição do PIB. Isso mudou inclusive a geografia econômica do Brasil das últimas décadas e tende a mudar de novo. Essas duas coisas são as grandes tendências. Com base nessas duas grandes tendências, a gente não faz projeção, apenas tenta contar tendências com base no que conseguimos hoje enxergar sobre o que pode acontecer com o emprego. Ou seja, você pergunta ao seu aluno: aonde é que você vai amarrar o seu burro, pensando na carreira? Aonde você não deveria amarrar esse burro?

E a resposta é: primeiro, evite apostar no boom de commodities que foi a força motriz do setor primário brasileiro, desindustrializou o Brasil e os EUA e que agora tende a reindustrializar, quer dizer, o argumento do ataque às indústrias, de que a indústria está se esvaindo, pode não resistir no médio prazo. Eu diria que não será surpresa se em 2020 a indústria brasileira estiver exportando um volume significativo de bens manufaturados, em escala razoável, para a China. Anota aí e me cobra. Assim, não caia nessa conversa de desindustrialização, que em parte reflete lobby, ao planejar a carreira a longo prazo. E tenha em mente que a coisa é muito mais complexa do que esta clássica dicotomia entre os grandes setores, indústria contra o resto.

É claro que o maior beneficiário desse movimento de reindustrialização são os EUA, que têm uma indústria competitiva, não o Brasil, que não é competitivo em sua indústria e que teima em aumentar a proteção, inchar o Estado e reduzir a competitividade com mais tributos e burocracia. É claro que os EUA serão muito mais importantes exportadores para a China em 2020 do que o Brasil. Mas o fato é que, diferentemente de hoje, estaremos vendendo alguns manufaturados para



a China e entregando menos matéria-prima em termos relativos. Certamente isso é muito importante.

Segundo, tente não amarrar o burro nos setores baseados em muletas anticompetitivas que o governo gosta de emprestar para empresas pernetas. Da mesma forma, nas ultrajantes reservas de mercado que às vezes têm como beneficiário um único sobrenome de família. Nem nas preferências de compras públicas dadas a empresas nacionais em licitações que maltratam o dinheiro da viúva. Ou no velho protecionismo que cedeu aos lobbies mais poderosos, inclusive de multinacionais. Principalmente, fuja dos campeões da nova substituição de importações, que está voltando com força total. E é um conceito brutalmente ridículo de campeões nacionais que o Brasil usa, que a França usa e que a própria França já vem percebendo as limitações, no atoleiro da crise.

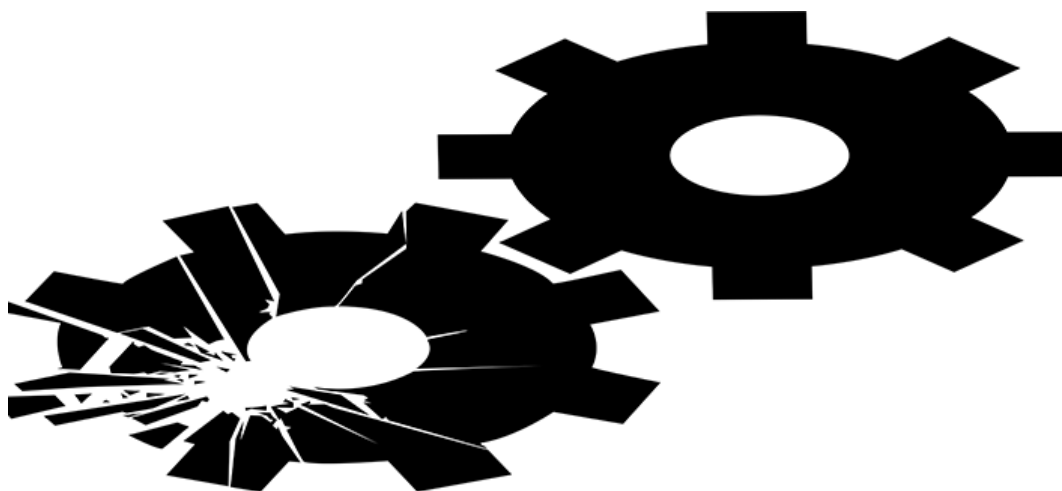
O problema é que muita gente não distingue a qualidade desses empregos a olho nu. O cara vê a empresa na capa da Exame, mostrando uma bela foto com resultados bonitos e acha que ali está o futuro. Quando vai ver, era só mais um caso de desperdício de dinheiro público, sem eficiência nem competitividade. Fuja desses descabros que, infelizmente, estão cada vez mais frequentes no país. Pois qualquer sopro de competição devasta e arrasa uma multidão dessas empresas, construídas sobre a areia mole do discurso nacionalista, às vezes voluntarista e até muito bem intencionado!

Em terceiro, evite os empregos criados pela mastodôntica burocracia estatal brasileira, que está sendo mais do que ampliada, de uma forma desmesurada, inclusive invadindo os espaços do setor privado. Já existe uma ampla gama de negócios relacionados às ineficiências que essa burocracia que essa parte do Estado cria. Lembre-se que nos rankings de competitividade o setor privado brasileiro ganha notas razoáveis, não tão longe do Chile, enquanto o setor público brasileiro ganha notas próximas da Venezuela. Adivinhe qual dos dois segura o Pib?

Todo mundo já viu isso. No nosso complexo e absurdo sistema tributário, há diversos “bons negócios”, entre aspas, que nascem do imenso potencial de se desviar de tributos e da burocracia pública, o que dá muito dinheiro para muita gente. Inclusive, de forma relacionada, a gente pode chamar algumas atividades de “caça à renda” ou “rent seeking”, para diversas atividades ineficientes que geram empregos que não levam a sociedade a lugar algum – e isso é crescente no Brasil, agora com um novo impulso do novo modelo.

Este tipo de emprego é aquele em que seu aluno não deveria amarrar seu burro, se pensar em uma carreira de verdade. E onde procurar o bom emprego? O guia é a competitividade genuína, que exige mais coragem, mais esforço e não dá moleza. A vida é dura mesmo, fazer o que?

Por que o emprego industrial sumiu?



José Francisco Vinci de Moraes

Minha perspectiva é um pouco distinta do Fred. É notória a existência de um processo desindustrialização no Brasil. A indústria manufatureira vem perdendo, com taxas de 1% a 2% anuais, de participação do PIB. Normalmente, e de forma, talvez, um pouco apressada, se atribui só a fatores conjunturais, como perdemos indústria porque o dólar está barato e, portanto, perdemos mercado.

Bom, outros dizem: nós perdemos indústrias pelo “custo Brasil”. Eu prefiro outra visão: se amanhã resolvêssemos o problema cambial e resolvêssemos o problema do “custo Brasil”, o que não é simples, o processo de desindustrialização prosseguiria, porque tem uma característica estrutural nesta história. Ou seja, é decorrente de um processo de mudança que está dentro da economia mundial.

Esse processo está fora do nosso lócus, da nossa capacidade de intervir. É um processo que é um tsunami e não há escolha entre se adequar ou não a esse processo. O livro em análise, *O Futuro da Indústria no Brasil*, adota esta visão.

Nós temos dois grandes grupos de bens na economia: aqueles que chamamos de comercializáveis, ou seja, esta camiseta pode ser comprada, produzida em qualquer lugar do mundo e pode ser consumida em qualquer lugar do mundo. Ao contrário de um restaurante, de um cinema, cortar o cabelo, ou mesmo uma escola (por enquanto...), onde nós chamamos de bens não comercializáveis, ou seja, eu tenho que consumi-los dentro do meu país. Por enquanto, porque há movimentos, talvez futuros, quando alguns serviços se tornem comercializáveis. Tudo bem? Há, portanto, ilusões comercializáveis, como diferentes serviços, por exemplo, cinema... eu não posso portar cinema, tenho que ir lá, sentar e assistir ao filme, o bar na esquina de minha casa ou restaurante a mesma coisa.

Nós trataremos aqui de bens comercializáveis, que são justamente os bens industriais. Não são os únicos comercializáveis. Por exemplo, indústria extrativa e as commodities agrícolas, as que

também podem ser produzidas em qualquer canto e consumidas em qualquer lugar, ao contrário dos serviços.

Mas, então, qual é a grande mudança daí decorrente? Já faz algumas décadas que, parece, o Brasil não se enquadrou. O melhor exemplo está no celular que qualquer um de nós tem no bolso. O meu, por exemplo, é da Apple, com design da Apple na Califórnia e industrializado na China. E poderia ser em outro lugar. É o que muitos economistas chamam de cadeias globais de valor, ou seja, eu não tenho mais a indústria automobilística num país com toda a sua cadeia produtiva instalada dentro do país. Observem, por exemplo, a Volkswagen que tem dez montadoras no mundo; ela não tem dez fornecedores de faróis nos dez lugares do mundo. Para entender bem o que significa a relação entre fornecedor e fabricante, vale muito o caso da Peugeot com um procedimento que decorre desse processo. Um Peugeot tem dois faróis de lanterna de ré, mas só uma luz. Como é que isso é possível? Para que fazer um negócio deste? Não, mas é porque teve aquela lanterna produzida no lugar x para o padrão y... No Brasil, a legislação permite apenas uma lanterna de ré. Quando esse carro dá ré, dá a impressão de luz queimada, não é... apenas, não tem a luz de ré. Ou seja, é um processo em que, por serem bens comercializáveis, a indústria procura ganhar vantagens competitivas e se espalhando globalmente. Desse modo, o Peugeot tem duas lanternas, porque é assim no mundo, mas só uma lâmpada porque o Brasil permite.

E aí o livro aponta dois modelos. No primeiro modelo, partes dos componentes do produto são fabricadas em diversos países, A, B, C. E um vai complementando o outro e finalmente eu tenho um país final, o país da montagem, que seria o país D. Esse é o modelo. Nesse modelo o Peugeot tem duas lanternas e uma lâmpada

O outro modelo é o modelo chinês aonde eu importo os componentes e monto o produto final, com estes vários componentes, e monto o produto na China.

Seja qual for o modelo que o livro aponta, há um ponto essencial, é a principal indústria que está gerando cadeias globais de valor. Quando eu digo “principal”, é a indústria de maior tecnologia. Não é a indústria de sabão, sabonete, e sim a indústria cuja cadeia produtiva agrega cada vez mais valor. Estas são as indústrias de maior extensão.

E o que as empresas procuram? Ganhar competitividade e reduzir custos. Como? Fabricando o farol onde for mais barato, o motor, onde há mais tecnologia que reduz o preço, o banco, onde há maior proximidade coma matéria prima. O Brasil é o inverso disso. O Brasil sempre teve políticas de adensamento da sua cadeia produtiva, ou seja, se a indústria está aqui, tem que comprar componentes aqui. Então, produza-se o farol, o motor, o banco, o vidro, tudo aqui, pouco importa o preço final. Não, a indústria automobilística não vai mais produzir tudo aqui. Se quiser que ela continue aqui ela vai comprar do farol ao motor em qualquer lugar. No lugar aonde ela ganhe mais. Num lugar aonde ela ganhe maior eficiência.

Enfim, uma boa parte do processo de desindustrialização brasileira é apontada no livro por esse fator, ou seja, uma mudança no paradigma da produção global.

O Brasil tem um parque industrial, criou um parque industrial para mercado interno que é sofisticado. Acabou sendo sofisticado de alguma maneira. Mas, é um parque que abençoou o processo produtivo para substituir importação para mercado interno. E hoje, a tendência é justamente o oposto porque na medida em que há uma cadeia global que derruba preços, eu continuo produzindo tudo aqui, pouco importa o preço.

Observe-se o caso da Apple: o poder de decisão dela está no país A ou no país B? E cada componente desse produto é gerado num lugar e montado, no final, na China no caso do meu. Isso cria o intenso comércio intrafirma, de empresas comprando delas mesmo ou dos seus parceiros.

Notem, agora, o processo dos pneus dos carros, o estepe. Cada montadora trabalha com uma fabricante de pneu. Em outras palavras, colocar pneu em carro gera intenso comércio intrafirma.

Não temos fábricas de pneus no mundo inteiro. Isso acabou! Não vamos mais ter fábricas de espelinhos no mundo inteiro ou qualquer coisa deste tipo.

A indústria automobilística no Brasil parece ser a única que, de certa maneira, entra numa cadeia global de valor. Tem coisas que vem do México, a lanterna tá vindo de tal lugar e parece ser uma das poucas indústrias que está dentro da cadeia global de valor.

Bom, vamos imaginar que o Brasil conseguisse formular políticas para formar um líder, nesse sentido, de ser um país montador final de bens industriais de alto valor agregado. Se esta decisão fosse tomada teríamos um problema: já estaríamos atrasados: Leste Asiático, e NAFTA, EUA, Canadá e México estariam na frente. A desindustrialização é um processo. E ponto!

O cenário é esse. Estamos perdendo empregos na indústria. A indústria está diminuindo e há um artigo no livro que é muito interessante, ele é muito técnico, mas ele é muito interessante que é o seguinte: “Olha, não se apavorem com isso, que estão perdendo indústria, etc, etc. Não se apavore! Olhem para a Austrália, para o Chile e para Noruega e vamos produzir a indústria extrativa obviamente de menor valor agregado, gera menos emprego e a exportação de commodities agrícolas e deixa a indústria pra lá... isto é bastante discutível.

Bom, esse cenário descrito, o que nos leva a algumas características óbvias que a escola já tem discutido, ou seja, é preciso formar um profissional que seja multicultural, que fale várias línguas, etc. Eu tenho como opinião pessoal, medo de vincular emprego a educação. Na minha visão, boa escola é a que cria um cidadão, um sujeito capaz de se adaptar a qualquer ambiente.

É claro que estou dizendo isso como uma formação geral do profissional. Do estudante. E não só no nível superior. Agora se me perguntarem: onde está o emprego?. Não importa onde está o emprego. A escola ideal é aquela que prepara para que você se adapte aos vários cenários possíveis, inclusive ao da cadeia global de produção.

Em que setor da economia devo apostar minhas fichas?



Cristina Helena P. de Mello

Se observarmos a trajetória do PIB real do Brasil veremos que, de fato, foi possível mudar o PIB per capita neste país com a estratégia de industrialização. Era outro contexto, era outro momento, quando a competição internacional por commodities era muito maior e não se conseguia bom preço nos produtos brasileiros no mercado internacional. Há exceção de alguns, como café, por exemplo. E uma das teses do surgimento da indústria no Brasil está vinculada a lucratividade do setor agrícola que financiou, aqui, a evolução da indústria. Mas, a competição internacional não permitia que se conseguisse criar uma indústria competitiva dentro do Brasil com maior valor agregada. Portanto, não se conseguia transformar a renda per capita a cinquenta, sessenta anos atrás.

A grande preocupação era industrializar o Brasil. Como apontou Albert Fishlow, a industrialização sempre tem uma etapa “espontânea”, importante, mas aqui nós temos uma etapa induzida: “o Brasil teve um processo de industrialização por etapas.” O País foi internalizando tipos de indústria dentro do Brasil, uma em sequência da outra. E nas últimas etapas, com pesada intervenção do Estado na economia, criando ineficiências, com certeza, mas se conseguiu, de alguma forma, transformar a realidade socioeconômica brasileira num determinado momento. E isto foi feito com influência da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL) que, na época, pensava numa estratégia de mudar a inserção da América Latina na economia mundial. E a industrialização parecia ser uma boa ideia para sair da pobreza e caminhar para uma riqueza. Com um problema: como produzir para todo mundo? Mas, se lemos a proposta da CEPAL, veremos que ela incluía três etapas; e, nós fizemos só duas. E a terceira previa a internalização de produtos de consumo, de produtos mais simples de serem feitos, baixa tecnologia. A segunda etapa, que é internalizar uma indústria produtora de bens intermediários, capital, equipamentos e que, portanto, nos torna autossuficiente pra conduzir esse processo produtivo e, finalmente, uma última etapa que é uma etapa de abertura

que não chegou a fazer essa etapa de abertura porque se entendeu que não estavam consolidadas todas as etapas anteriores,

A abertura foi feita de forma muito abrupta e como de moeda de troca de uma negociação internacional para rever o endividamento externo. E foi muito malfeita. Nós tivemos ali uma aposta, há bastante tempo atrás, na indústria e não na agricultura como o cenário internacional porque tudo indicava que indústria era uma aposta melhor. Fizemos uma industrialização cara e fizemos uma abertura comercial pior ainda. E, ficamos numa situação bastante frágil, de alguma forma, na condução desse processo.

E o que temos hoje? Nos últimos anos, se diz que o Brasil vem sofrendo mais desindustrialização, mas de fato, o tamanho da indústria brasileira não diminuiu, nem o valor agregado, nem o número de empregos. Mantemos o mesmo número de empregos, até um pouco maior. Mas, a indústria não cresceu na mesma velocidade que cresceu o setor de serviços internamente, domesticamente. E, ao mesmo tempo, o cenário internacional se alterou, com a entrada da China e o aumento de demanda por commodities mundiais. O preço dos produtos básicos, não só as commodities agrícolas, mas extrativa mineral também, subiram muito nos últimos anos e isso criou um espaço de bonança para muitos países. E nós temos uma agricultura moderna, competitiva, com fortes investimentos no setor básico também, extrativa mineral.

O texto do Edmar Bacha, no livro O Futuro da Indústria no Brasil, mostra o crescimento da formação bruta de capital fixo que é o investimento no Brasil, que é um aumento na capacidade de produção, mas esse aumento da capacidade de produção não se deu da forma clássica. Não foi gerando emprego na indústria. O País aumentou o investimento em setores extrativos, basicamente, porque são setores de maior rentabilidade.

O capítulo do Affonso Celso Pastore explica porquê os investimentos produtivos no Brasil estão se direcionando para a indústria básica e para o setor de serviços. Ele vai mostrar uma reversão na demanda mundial, do consumo mundial. Mudou a demanda por produtos industrializados e ninguém quer mais eletrodoméstico. Não se trata de mais ter carro. Não tem mais aonde pôr porque se demanda mundialmente alimento, tá certo? Energia, para fazer tudo isso se movimentar. E, commodities, nos termos em geral, e serviços. Essa é que é a demanda mundial. E isso mudou no espaço de comercialização no mundo inteiro. Mudou a rentabilidade desses produtos.

Na pauta de exportações, o Brasil tem um comportamento diferente. Domesticamente, a gente trocou indústria por serviço. O setor de serviço aumentou o emprego, em pontos percentuais, praticamente o mesmo que o emprego no setor industrial perdeu em pontos percentuais na participação de total. Porque o número de empregos na indústria não caiu, eu acho que isso é uma coisa importante. Isso é muito interessante. Por quê? Porque apesar da crise internacional, apesar da pouca demanda por produtos industrializados, apesar de existir excesso de capacidade em todo o setor produtivo industrial no mundo inteiro. Não é só no Brasil que tem excesso de capacidade. Não é só no Brasil que a indústria vem sofrendo o processo de desindustrialização. Não é só o Brasil que sofre dificuldade de pensar na reinvenção da atividade industrial, esse processo é mundial. Apesar disso, no Brasil, a gente tem escassez de mão-de-obra qualificada. A regra: cai a demanda, reduz a produção, manda o funcionário embora, não foi feita aqui. Porque o problema de conseguir recontratar esses talentos, de recolocar eles no lugar é muito grande. Meus colegas economistas falam: “Mas é óbvio, traz alguém de fora, importa.” Como, se a gente não tivesse problemas de relacionamento intercultural dentro das empresas como se o empresário não temesse colocar um italiano no meio do setor têxtil mandando nos brasileirinhos. Não funciona. Não dá tão certo assim. É mão-de-obra meio geleia, que se adapta de acordo com o tamanho do pãozinho.

O fato é que a maior parte das empresas brasileiras tem medo de perder a mão-de-obra qualificada, em especial a qualificada. E isso fez com que aparecesse no Brasil um fenômeno

muito interessante. Você vê o impacto da crise internacional no Brasil, ela desacelera a indústria, ela diminui a produção agora, em função da crise desses últimos anos. Você tem uma queda da atividade produtiva da indústria em função da demanda externa ser menor, mas os salários do Brasil não caem, não diminuem. Por que você não demite? Você tem medo de não conseguir recontratar uma pessoa com qualificação pra tua empresa. Então o que acontece é que você consegue manter o salário alto, um consumo alto com uma produção baixa dentro do Brasil. E isso criou desequilíbrios enormes como, por exemplo, a importação.

Nós passamos a importar porque temos uma indústria pouco competitiva em função de vários custos: o da mão-de-obra, o tributário, é, e o logístico em especial. Estrategicamente, como vamos competir internacionalmente e que tipo de organização de produção devemos ter aqui, domesticamente? Eu não sei se voltar a industrializar, o Brasil pode ser a grande saída porque eu não sei se eu quero mais eletrodoméstico na minha casa. Eu preferia, muitas vezes, contratar mais serviços, eu gosto de contratar serviços, acho que traz mais conforto. E mais alimentos. Mas repensar toda a estratégia. Eu participo de um grupo de pesquisa com essa discussão. É sobre papel no Estado Desenvolvimentista e da indústria no Brasil. É preciso uma estratégia de manutenção da indústria no Brasil. Eu entendo a preocupação com cadeias produtivas. É, o padrão internacional, em especial na indústria automobilística e em algumas outras indústrias importantes. O que faz com que a cadeia produtiva seja global, mas a gente também sabe que, estrategicamente, você controlar o seu fornecedor também é uma estratégia de inserção no mercado, também é política.

Devemos continuar numa estratégia de industrialização? É isso? Que setores nós queremos desenvolver no Brasil? Os intensivos em tecnologia ou com baixa tecnologia? Tem um indicador maravilhoso se chama deficitômetro. Vocês já viram isso? O deficitômetro? Ele mede o potencial de déficit na balança comercial brasileira em função dos setores que têm mais tecnologia menos tecnologia aqui no Brasil. Em que setores devemos apostar? Qual é o setor que o Brasil dominará no mercado mundial? Quais setores impulsionaremos na área de serviços? Nós não temos essa clareza e no cenário mundial também não há este desenho. O que a gente vem assistindo, nos últimos anos, é uma perda de hegemonia da economia americana que criou espaços para crescimento de outros países como, por exemplo, a Índia que ocupou o espaço, a China, que ocupou o espaço da economia americana no setor industrial, mas criou desequilíbrios enormes. Nesse cenário internacional, eu falta saber exatamente o que fazer com aquilo que nos custou tão caro construir. Porque foi caro, pesado construir essa indústria local. Foi caro, pesado investir na qualificação da mão-de-obra.

Se eu tivesse que fazer uma aposta e eu tive essa discussão em casa com o meu filho sobre que setores, pra onde que ele iria, o que que ele iria fazer pra trabalhar. E, a primeira coisa que eu falei pra ele foi o seguinte: “Uma pessoa bem formada, que pensa, trabalha em qualquer lugar”. Raciocina? Ordena? Relaciona? Classifica? Sabe o básico? Abstrai? Sabe do particular para o geral do geral ao particular? Tem emprego. É, tem emprego. Mas, além disso, alguns setores tradicionalmente sempre vão existir. O setor de serviços tende a crescer cada vez mais e eu acho que essa é uma tendência e, bastante significativa. Mas, está longe de ser a única. Ainda bem...

Agronegócio ou petróleo? Tem outro que interessa?



Raphael Videira

A minha participação será um pouco diferente porque minha apresentação tentará desmistificar o setor de commodities. Muita gente as entende como um setor de baixa produtividade, que tem pouca tecnologia intensiva, a gente fica com aquela ideia ainda do café, da cana-de-açúcar. É preciso desmistificar isso. Nós utilizaremos um período mais longo na análise, de 1996 até 2011. O foco maior será o desempenho do setor de commodities.

Há muitos mitos neste setor. O primeiro deles é que o setor de commodities é de baixo valor adicional. A grande comparação, sempre feita é com, minério de ferro, com aço. O aço já é um produto que já tem um beneficiamento na cadeia produtiva da indústria. E comparando com o minério de ferro aqui o preço do aço tem “valor de transformação industrial” e chega a ser menor do que o do minério de ferro. Então, o minério de ferro, que foi o primeiro produto dessa cadeia produtiva, já tem um valor agregado maior do que o aço, que já é um produto com algum beneficiamento.

Nós temos visão distorcida de realidade porque ele fala que o setor de commodities não incorpora tecnologia. Ao contrário, e basta observar o desempenho de setor específico e a produtividade total dos fatores. Este conceito, produtividade total dos fatores, é um cálculo matemático por meio de regressões estatísticas, com técnica estatística de modelagem, levando em conta variáveis que envolvem o processo industrial, o preço da matéria-prima, qual a tecnologia utilizada, se tem importação dos produtos. Curioso, mas o crescimento acelerado da produtividade foi maior no setor de bens básicos do que nos demais setores industriais. Portanto, esse setor tem tecnologia envolvida. Basta observar o setor de papel e celulose, que é capital intensivo, tá? Há grandes processos tecnológicos nesse setor, que favorecem muito a produtividade e melhora de desempenho.

Nesse ponto entra na história o conceito de doença holandesa. Este conceito, cunhado mais ou menos na década de sessenta, parte do seguinte argumento: se um país é exportador de determinado produto, café por exemplo, ele tem vantagens comparativas em economia agrícola

no setor de café. E começa a exportar café, começa a entrar muito dólar no seu mercado interno e aí o câmbio passa a favorecer ainda mais a exportação de café do que, por exemplo, um investimento em outros tipos de indústria. Na prática, doença holandesa, na verdade, é uma migração de investimentos industriais para o setor de commodities agrícolas. Eu tenho alguma restrição a essa visão, mas eu compro a ideia de que é preciso uma pauta de exportação diversificada, ou seja, não se deve concentrar exportações em um determinado produto. apenas, em determinado segmento. As exposições anteriores falaram que temos alguma vantagem ainda, mesmo que mínima, no setor industrial. Mas, neste texto do O Futuro da Indústria no Brasil o autor compra essa ideia do tipo: commodities não causam doença holandesa. Por quê? Porque elas geram tecnologia ao redor do setor.

O segundo capítulo do livro é mais de dados, mais empírico, com um viés mais numérico e menos teorias. Não é todo setor de commodities que é frágil, que não tem tecnologia, que é um boia-fria tecnológico, que não tem nenhum avanço tecnológico envolvido. O exemplo citado, papel e celulose, movimentou grande investimento em tecnologia e modernização da produção e com forte melhoria logística que fez com que o produto ganhasse competitividade.

Essa discussão tem muito a ver com a análise sobre como o Brasil ficou fechado praticamente durante sessenta anos, de 1930 a 1990, até o governo Collor abrir as barreiras de importação. Por que, porém, o setor de commodities ficou tão competitivo? Porque ele não ficou amparado única e exclusivamente na economia fechada. Quando não se está amparado na economia fechada se investe em tecnologia, os custos diminuem e o setor se torna competitivo lá fora. Algo que não tivemos em outros setores. Por exemplo, se a gente pensar em setores como minério de ferro, também se fez grande investimento em tecnologia. Mas, por que o minério de ferro dá tanto dinheiro hoje? Porque a China é o país que mais cresce no mundo e precisa de minério de ferro, aço e derivados. Então, o preço do minério de ferro é muito alto. Porém, as vantagens competitivas no minério de ferro são menores quando comparadas ao setor de papéis celulose, por exemplo.

Nós lidamos com certo preconceito quando falamos: “Vou trabalhar com minério de ferro, com commodities, um setor mais atrasado. Um sensível engano. O setor de commodities tem uma cadeia produtiva importante e forte. E ele pode acabar gerando “clusters de tecnologia.” O que seria um cluster? Por exemplo, quando a gente fala em Franca, produtores de sapato, ela consegue fazer com que as cidades ao redor utilizem suas estruturas, suas instalações, seus incentivos fiscais, de forma a propiciar uma base para aquela cadeia produtiva em torno de sapatos. Vai desenvolver couro, vai desenvolver borracha, vai desenvolver cadarço, vai desenvolver pessoal especializado para trabalhar nessa área...

Há uma imagem bem importante em torno da ideia de “efeito transbordamento”, ou seja, quando um país está localização específica, tem certa tecnologia ou está crescendo por um determinado produto. Esse efeito é: outras regiões ao redor dessa localidade passam a receber benefícios também. Portanto, produção de commodities, gera cadeias industrializadas complexas e obriga a investir em pesquisa, desenvolvimento e inovação.” Aqui tem uma oportunidade de negócio muito forte para os nossos alunos. Eu bato muito nessa tecla com eles: se conseguir pensar, organizar alguns dados de maneira coerente, ele consegue trabalhar. Pode ser numa agência de publicidade, pode ser numa Vale do Rio Doce da vida, tanto faz. Organizar dados exige alguns fatores de compreensão... a partir deles, qualquer emprego é possível, em qualquer setor.